



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA: IMPACTOS SOBRE A SAÚDE

Bianca Stefany Dias de Jorge¹, Milena Vieira de Souza², Tânia Maria Gomes da Silva³

¹Mestranda em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista CAPES.
biancadiasjorge@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. mivsouza00@gmail.com

³Orientadora, Doutora, Docente no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Promoção da Saúde, UNICESUMAR.
tania.gomes@unicesumar.edu.br

Estudos feministas e de gênero numa perspectiva decolonial e interseccional têm crescido nos últimos anos em diferentes países. Estes estudos destacam que gênero e raça são pertencimentos identitários que se cruzam para aumentar as chances das mulheres serem vítimas de violência e, em razão desta exposição, apresentarem doenças físicas e psicológicas diversas. Considerando-se que, o Brasil é um país estruturalmente marcado pelo racismo e sexismo, evidencia-se a importância de estudos que discutam como ser mulher e negra promove situações de adversidades. Objetivou-se realizar uma revisão narrativa da literatura sobre saúde das mulheres negras. Para tal propósito, utilizou-se a coleta de dados nas principais bases de pesquisa nacionais e internacionais, tais como: Scielo, PubMed e PePSIC, com os descritores em português: saúde, mulheres negras, racismo e em inglês: health, black women, racismo. Para interpretação dos dados, foi realizada análise qualitativa de conteúdo. Teoricamente, buscou-se sustentação em autoras do feminismo negro. A literatura apontou que a violência obstétrica é a agressão mais frequente na vida das mulheres negras e que isto ocasiona sofrimentos diversos, como dores físicas e baixa autoestima. Quando a discriminação e o preconceito de cor se aliam ao preconceito de gênero termina levando à violência. Surgem daí efeitos adversos na saúde das mulheres, dificultando, inclusive, a busca por cuidados, por medo de repetir situações doloras.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde; Mulheres Negras; Violência; Discriminação

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública mundial e vem crescendo nos últimos anos o número de casos. Trata-se de qualquer ação ou conduta baseada no gênero que cause danos, sofrimento ou morte à mulher. Pode ocorrer de diferentes formas, sendo as mais conhecidas: violência física, sexual, moral e psicológica, abrangendo mulheres com 16 anos ou mais (BRASIL, 2023).

A desigualdade de gênero, que se manifesta pela superioridade dos homens e inferioridade das mulheres em diferentes aspectos da vida, legitima e consolida a violência contra as mulheres em geral. Contudo, cabe destacar que mulheres negras apresentam maior vulnerabilidade à violência, em especial quando praticada pelos seus parceiros ou ex-parceiros íntimos. No Brasil, isto está bem evidenciado por dados recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). Estes indicaram que a exposição à violência foi maior entre as mulheres negras (49,1%) do que entre as brancas (42,2%).

O racismo e o preconceito de gênero são formas de violência e esta, segundo Krug et al. (2002), possuem alto potencial de causar danos à saúde, como, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, ideação suicida, suicídio, dores generalizadas pelo corpo, enxaqueca, fibromialgia, transtornos alimentares, dentre outros.

Muitas pessoas acreditem que as mulheres negras suportam maiores dores do que as mulheres brancas e, baseadas nesta afirmativa de uma predisposição biológica, tese muito defendida pelos médicos do século XIX, como Lombroso, na Itália e Nina Rodrigues, no Brasil (COSTA, 2004), banalizam a violência que elas sofrem.



Observa-se que as iniquidades raciais são, muitas vezes, invisibilizadas e negligenciado pelos profissionais da saúde. Neste sentido, o presente artigo, propõe realizar uma revisão narrativa da literatura, acerca da saúde das mulheres negras.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O resumo trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura, realizada por meio de busca nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), PubMed e PePSIC, utilizado-se os descritores em português: saúde, mulheres negras, racismo e em inglês: health, black women, racismo. Em relação aos critérios de elegibilidade, foram selecionados artigos em língua portuguesa e inglesa, dos últimos 5 anos (2018 à 2023) com discussões relacionadas à saúde das mulheres negras. Foram excluídos artigos que não tivessem relação direta com o tema, publicados em outro idioma que não os mencionados e artigos de revisão.

A interpretação dos dados foi fundamentada nos referenciais teóricos dos estudos feministas interseccionais (GÓNZALES, 2020; AKOTIRENE, 2019) e realizada a partir da análise qualitativa dos conteúdos (MINAYO, 2012).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas buscas realizadas identificou-se a discriminação como elemento produtor de desigualdade, sendo as mulheres negras aquelas que mais sofrem violência doméstica e são vítimas de feminicídios (BRASIL, 2023). Esta exposição provoca efeitos adversos na saúde destas mulheres.

As discriminações decorrentes da cor de pele e do gênero feminino é uma forma de violentar essas pessoas e podem colocar em situação de desvantagens ao acesso à saúde (CURI, RIBEIRO, MARRA, 2020; BRASIL, 2017). Essas desvantagens influenciam negativamente o acesso às informações sobre saúde, aos serviços, bem como interferem nas políticas e ações (THEOPHILO, RATTINER, PEREIRA, 2018).

Em relação a saúde das mulheres negras, a literatura científica analisada dá ênfase à violência obstétrica, que abrange desde a gestação ao puerpério, incluindo, os casos de aborto. Esta violência é extremamente deletéria à saúde, sendo uma das formas de violência de gênero que, mais uma vez, são mulheres negras as que mais a vivenciam (CURI, RIBEIRO, MARRA, 2020; LIMA, PIMENTEL, LYRA, 2021; BRASIL, 2022).

As violências sofridas pelas mulheres negras no setor da obstetrícia evidencia que não se trata apenas de um condição de preconceito de gênero, mas também de raça, contribuindo para a expressividade da mortalidade materna de mulheres negras no Brasil (LIMA, PIMENTEL, LYRA, 2021).

Por conseguinte, as mulheres negras violentadas por conta do racismo e preconceito de gênero, atingidas pela omissão estatal na promoção de políticas públicas, que previram a violência de gênero são colocadas em situações de vulnerabilidade. Racismo, sexismo e a exploração de classe são elementos que dificultam ou até mesmo impedem o acesso total à saúde das mulheres, que têm suas especificidades de raça e classe, especialmente, desconsideradas (BRASIL, 2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados no trabalho, permitem pensar o preconceito, as discriminações e o racismo como produtor de violência contra as mulheres negras, em especial, no âmbito da saúde. Desta forma, políticas públicas e ações que visam o combate à discriminação devido a cor e o preconceito de gênero nos sistemas de saúde, se tornam



um passo importante para trabalhar a saúde da mulheres negras e suas especificidades, além disso, preparar os profissionais de saúde, desde a graduação, colocando nas grades curriculares, temas sobre gênero, racismo e discussões acerca de políticas específicas destas populações, pode-se considerar um sistema em saúde mais preparada para atender as mulheres negras.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde da População Negra**. Boletim Temático da Biblioteca do Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, v. 2, 2022. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/boletim_tematico/populacao_negra_novembro_2022.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, 3 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3_d.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

BRASIL, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil**. DataFolha: Instituto de Pesquisas, 4. ed. 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CURI, P. L.; RIBEIRO, M. T. de A.; MARRA, C. B. A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, p. 156-169, 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.156-169>. Acesso em: 01 jul. 2023.

GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KRUG, E. G, et al. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: World Health Organization, 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LIMA, K. D.; PIMENTEL, C.; LYRA, T. M. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 26, p. 4909-4918, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019>. Acesso em: 02 jun. 2023.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 20 maio 2023.

THEOPHILO, R. L.; RATTNER, D.; PEREIRA, E. L. Vulnerabilidade de mulheres negras na atenção ao pré-natal e ao parto no SUS: análise da pesquisa da Ouvidoria Ativa.



Ciência & Saúde Coletiva, v. 23, n. 11, p. 3505-3516, 2018. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.31552016>. Acesso em: 02 jun. 2023.